



Entrevista

Professor Renato Tribuzi, a gente já conhece um pouco a história do senhor como grande pesquisador e contribuinte do avanço da matemática na região norte, mas em particular, a gente queria iniciar essa entrevista sabendo um pouco da vida do senhor: infância, família, ensino secundário. Como foram essas fases da sua vida?

Meu pai era advogado e dentista. E como promotor de justiça ele ia para o interior todos os anos, cada ano ele ia para uma cidade diferente: Fonte Boa, Codajás, Barcelos. E meus estudos começaram em cidade do interior, apesar de ser cidade do interior a gente tinha professores Salesianos, às vezes, oriundos das missões salesianas. Inclusive eu tive, no meu 2º ano secundário, um professor que era índio, mas índio já educado pelos Salesianos. E meu pai gostava muito de brincar de matemática. Ele passava problemas para nós, para ver quem resolvia primeiro. Então, essa atitude do meu pai foi bastante eficiente na nossa primeira fase da vida escolar e fez com que viéssemos a nos interessarmos pelo estudo da matemática. Minha mãe era professora do curso elementar, então, ela também participava das brincadeiras de matemática.



O senhor sempre gostou de Matemática ou tinha outra matéria que o senhor se interessava mais? E o senhor era um excelente aluno, um aluno mediano ou um péssimo aluno?

Eu sempre gostei de resolver problemas de matemática, mas eu nunca fui interessado em fazer contas, fazer cálculos. No geral acho que eu era um aluno mediano. Não em matemática, em matemática era muito bom.

Como foi que surgiu esse interesse pela Matemática do ensino superior? Foi devido o incentivo do seu pai que o senhor decidiu fazer uma graduação em Matemática?

Não! Eu não fiz uma graduação em Matemática. Eu fiz um curso de Filosofia. Depois da conclusão desse curso eu viajei para o Rio de Janeiro para fazer o mestrado em Matemática. A razão disso é que meu irmão é matemático. Na época ele tinha concluído o mestrado e me incentivou muito a dar os primeiros passos nessa direção. Eu fiz um curso de mestrado de uma forma muito diferente das outras pessoas. Em particular, eu nunca fiz um curso de cálculo. Mas, o mestrado foi uma experiência muito empolgante. Foi um desafio muito importante na minha vida.

Como o senhor lidou com a questão de fazer um mestrado em Matemática sem passado por um curso de graduação em Matemática? O senhor fez muito estudos complementares?

Eu estudava tudo o que precisava para cada disciplina.

Professor, quem é o professor Ivan Tribuzi para o senhor?

Ivan Tribuzi é o meu irmão que fez mestrado em matemática e que me incentivou a fazer o doutorado em matemática. Na verdade eu queria fazer o doutorado em Lógica. Apesar dele também concordar com isso, sugeria mais que eu fizesse o mestrado em matemática. O professor Valfredo do Carmo sugeriu que eu fizesse o mestrado em matemática pra depois fazer o doutorado em Lógica porque assim eu teria uma formação mais sólida e porque, naquela época, ele achava que no Brasil os trabalhos não tinham qualidade.

O professor Ivan Tribuzi foi professor do senhor também?

Foi meu professor informalmente.

Com relação à sua carreira acadêmica a gente sabe que o senhor ocupa uma posição de destaque como pesquisador. Como se deu esse processo até o senhor chegar a esse nível?

Bem, o IMPA é uma instituição extraordinária!

Então, eu tenho uma formação no IMPA. Eu tive a oportunidade de conviver com excelentes matemáticos, meus colegas de aula, professores, e isso me ajudou a ter uma formação adequada para o trabalho de pesquisa. Como eu tinha bastante motivação pra isso, não foi difícil que eu de repente começasse a me dedicar a pesquisa com prioridade. Inclusive, eu viajei para os Estados Unidos e fiquei um ano e meio em Debra, Califórnia, onde eu conheci outro estagiário de pós-doutorado que era um alemão e que depois ele viria a ser meu principal colaborador na pesquisa.

Com relação à vida pessoal do senhor: casamento e filhos? Como que isso aconteceu em paralelo a uma vida de pesquisa e estudos?

Eu me casei com uma colega de aula do curso de Filosofia. Quando eu viajei para o Rio para fazer o mestrado ela também decidiu fazer o mestrado em Filosofia de forma que nós não



tivemos filhos nos primeiros sete anos. Só depois de retornar à Manaus, depois de algum tempo é que decidimos ter o primeiro filho que na realidade foi uma filha e acabou sendo a única, hoje, atualmente eu já tenho neto.

Certamente trabalhando como matemático o senhor fez vários amigos. Eles são da área da matemática? Ou o senhor possui amigos fora desse círculo?

Como matemático eu viajei muito. Trabalhando com pesquisa, eu conheci muitos matemáticos que se tornaram meus amigos e quase como irmãos, por exemplo, Eschenburg da Alemanha; Kinoto, do Japão; Maria João Ferreira, de Portugal e Marco Rigali, da Itália. Mas eu tenho também outros amigos dentro e fora do Brasil que são de outras áreas.

A respeito da Matemática na Região Norte, sabemos que ela vem evoluindo e o objetivo é que ela evolua mais até atingir um nível que hoje já existe em outras Regiões do Brasil. Quais as estratégias que o senhor acredita serem fundamentais para alcançar esse nível?

Bem, na UFAM, portanto na Região Norte, nós atualmente temos o doutorado em Geometria Diferencial. Temos o doutorado em associação ampla com a Universidade do Pará. Lá eles tem doutorado em Análise. Então, a ideia é a gente conseguir expandir de forma a termos doutorado em todas as áreas e começar a formar pesquisadores em todas elas, para dar conta de todas as necessidades da nossa Região. Então, eu acho que o doutorado é realmente o carro-chefe desse trabalho.

Atualmente, com o doutorado, a gente sempre tem aqui professores visitantes do país e do exterior, temos bolsistas de pós-doutorado trabalhando aqui, fazendo pesquisa. Então, tudo isso cria um clima propício para a pesquisa que vai alavancar o progresso da Matemática. Mas eu acho fundamental que o governo estadual, federal e as fundações de amparo à pesquisa apoiem a fixação de novos doutores na Região. Isso é fundamental. A gente precisa ter programas que realmente torne a nossa Região atrativa para os pesquisadores.

Professor! Não sei se o senhor sabe, mas o senhor foi citado, na primeira edição da revista *Elementos*, pelo professor João Batista de Oliveira Sobrinho, quando ele comenta que veio fazer uma pós-graduação aqui, em Manaus, e teve prazer de ser aluno do senhor e do professor Ivan. Aqui na Região Norte o senhor é citado em muitos trabalhos e

também citado com uma forma de inspiração para o trabalho de outras pessoas. Como é que o senhor vê isso?

Bem, se eu consegui inspirar outras pessoas a se dedicarem à pesquisa, eu acho que eu cumpri com a minha tarefa, a razão da minha permanência aqui a na região. Isso eu aprendi com o meu orientador. Quando jovem eu me preocupava mais com minha própria carreira do que com o desenvolvimento de outros pesquisadores. Mas, hoje em dia, a situação se reverteu, eu me preocupo muitíssimo pouco com a minha carreira pois passei a me preocupar bastante com meus alunos, com a carreira dos meus alunos. Eu acho que isso é que me dá a maior gratificação. É ver meus alunos brilharem.

Bem, professor, para concluir essa entrevista, gostaria que o senhor fizesse as suas considerações finais e nos deixe a sua opinião sobre a importância do desenvolvimento da Matemática em nossa Região.

Eu acho o seguinte: uma das missões do nosso do nosso programa da pós-graduação é tentar envolver todas as universidades da Região Norte nesse trabalho de melhorar a qualidade da matemática. Porque a qualidade da matemática, de certa forma, mede a qualidade da ciência. É, digamos um parâmetro fundamental para medir a qualidade da ciência e da tecnologia. E a região que tem a matemática avançada, vai ter bons engenheiros, bons professores, bons profissionais em diversas áreas. Então, se nós conseguirmos melhorar substancialmente o nível da matemática na Região, nós certamente vamos melhorar também a qualidade de vida.

Professor Renato, eu agradeço a gentileza do senhor nos ter concedido essa entrevista. Em nome do professor Ivan Ramos o parabenizo pelo trabalho que vem desenvolvendo na região norte. Esperamos, em breve, revê-lo na Universidade Federal do Acre.

Terei muito prazer.